# A LÍNGUA MATA

GILSON MARTINS

# A LÍNGUA MATA

Nas terras do faz de conta que eu conto este conto sem aumentar um ponto, o povo era governado por um rei, Sabichão III, homem justo e popular. Para os habitantes daquele pequeno reino, o rei era o deus da justiça. Respeitado e temido por suas prudentes decisões. No tribunal, sua palavra era a primeira e a última: sim ou não e ponto final. Muitas vezes não era necessário nem falar, bastava um simples gesto e o fato estava consumado. Polegar erguido: inocente; polegar baixo: execução.

A cabeça seria separada do corpo na guilhotina, na presença de todos os súditos. “A guilhotina era um instrumento de decapitação, no qual o golpe é desferido por uma lâmina triangular precipitada de certa altura. A guilhotina, contrário ao bom senso, mudou de direção de um projeto de um humanitarista, o doutor Guilliotin, no ano de 1789. Pouco menos de três anos após, esta máquina de matar em massa começou a ceifar vidas em várias partes do mundo, numa rotina que parecia não ter mais fim”. Não existia prisão, nada de ficar preso vivendo e comendo as custas dos cidadãos. O simples fato de alguém ficar uns dias sem trabalhar era motivo suficiente de ser levado ao tribunal e quase sempre condenado à morte. Dizia o rei: “Quem não produz frutos é árvore morta”. Excluindo as crianças, idosos e doentes que eram tratados com toda dignidade e carinho. Por este e outros motivos o seu reinado foi próspero e abundante, pois nunca, até então, fora visto tanta fartura em um só lugar. O povão tinha de tudo para ser feliz: alimentação, educação, saúde e muito lazer. Nos primeiros tempos de seu reinado algumas pessoas pagaram por seus crimes, com o passar do tempo ninguém mais perdeu a cabeça. Todos eram iguais perante a lei, não havia mais derramamento de lágrimas por motivo de injustiça. Até o carrasco andava meio desconfiado que seria a próxima vitima e, por não ter o que fazer, passava o dia todo lustrando e afiando a lâmina da guilhotina. Que brilhava mais que os dentes de ouro do rei.

Anterior ao reinado de Sabichão III reinara um rei sem coração, o mais terrível dos tiranos. Não vale a pena nem lembrar seu nome. O povo não tinha paz. Amedrontados viviam refugiados nas matas e cavernas fugindo das lanças venenosas dos guerreiros do rei. Todos lutavam para sobreviver contra a fome, a violência, a injustiça e falsos testemunhos de alguns poucos traidores. Ninguém mais tinha vontade própria para o trabalho. O trabalho era forçado, num regime de escravidão. Toda a produção era confiscada pelo ditador que depositava o suor e o sangue do povo na compra de castelos e bens em outros reinos. Mas um dia o castelo caiu! Todos foram tomados por uma cólera sobrenatural, revoltados e unidos numa só força, marcharam como um grande exército até o palácio. Com a tolerância da guarda-real, que também não suportava o FMI: “Fuga Monetária Imperialista” e os baixíssimos salários, degolaram o rei e seus marajás sem piedade. Foi elevado ao trono o jovem Sabichão III, até então, o mais ferrenho lutador da oposição contra o sistema.  Por este motivo estava encarcerado numa masmorra a espera da morte. Libertado e coroado com grande festa trouxe a paz e, acima de tudo, igualdade. O rei era amado por todos cidadãos de boa vontade, mas como não há como agradar a todos, era odiado pelos devedores e os partidários dos direitos “humanos”. Não perdoava certos erros, principalmente mentiras. Dizia sempre que “toda desgraça começa e termina na mentira”.

O último caso em que a guilhotina foi acionada foi mais ou menos assim: Nabal, um ancião já marcado através do tempo pelas rugas, passava a cavalo durante a madrugada por uma estrada que cortava uma mata ao meio. Tranqüilamente, ia assobiando uma canção nativa quando ouviu um estranho barulho que vinha pelas costas, juntamente com um vento congelante, balançando toda vegetação. Nabal virou-se e viu um esqueleto enorme de uns dois metros de altura correndo entre algumas árvores. Assustado bateu com toda violência a espora e o chicote no lombo do animal. A caveira apareceu a sua frente gritando com uma voz trovão:

- Foi minha língua que me matou! – repetia a mesma frase por várias vezes.

O cavalo ficou desesperado, levantou as patas dianteiras, jogou ao chão o seu senhor e saiu em disparada. O quadrúpede, que era negro como betume, amarelou-se como gema de ovo. Dizem os antigos que o bicho está galopando até hoje pelo mundo, fugindo do seu próprio medo. O homem desejou correr. Mas como?! Os membros inferiores não respondiam ao comando do cérebro. Desmaiou só recobrando os sentidos no outro dia, com o sol castigando sua face. Olhou para todos os lados e não viu mais a tal caveira. Saiu com pressa a caminho de casa, um velho casebre na beira do rio. Passou alguns dias calado e tendo pesadelos todas as noites. Os amigos e familiares chegaram achar que o homem estava ficando louco. Chegou o dia em que, não suportando tamanha pressão mental, desabafou com algumas pessoas o estranho acontecimento da qual foi vítima. Foi assim que todos perceberam que o Nabal estava mesmo doente. Apesar de receber inúmeros apelos para não dizer nada ao soberano, não conseguiu ficar calado, guardar o segredo. Depois de muito tempo esperando por uma audiência, finalmente um dia o rei o recebeu. Ele contou tudo nos mínimos detalhes. Chegou a jurar de joelho perante o soberano que realmente era tudo verdade. O rei ordenou que o levasse para bem longe de seus domínios, pois estava muito louco, era uma ameaça a sociedade. O homem agarrou as mãos do rei e chorando pediu clemência, clamando que tudo que dissera era verdade. O rei resolveu então ordenar que todos os seus soldados vasculhassem toda mata, palmo por palmo, durante a noite e o dia. O rei disse-lhe que, se encontrassem tal caveira, lhe daria um lugar de destaque no castelo, mas se não encontrassem nada, seria levado à guilhotina. O homem não tinha como não concordar. A mata foi toda tomada por homens que vasculharam cada cantinho. A noite parecia festa de tanta gente com tochas procurando o esqueleto falante. Enquanto isso o homem ficou detido, pelo rei, em um calabouço no palácio, pedindo aos céus para que poupasse sua vida, encontrando a caveira. Durante várias vezes aquela voz lhe falava as mesmas palavras em seus pesadelos: – Foi minha

língua que me matou! - Passado uma semana, ninguém encontrou nada. Era preciso cumprir a ordem do rei para que tal lenda não se tornasse real. Aquela estrada era muito importante para os negócios, do rei, pois era única via de exportação, de comércio com o mundo. Naquele momento todos zombavam da história da caveira falante, mas ninguém ousava trafegar por aquelas bandas sozinho, principalmente os turistas. O tesouro do palácio já acumulava prejuízos. Desfeito o mistério. O rei não titubeou e ordenou a excussão do pobre homem. O alarde correu por todo reino: Que fossem à praça do centro para assistir mais uma execução. Ao meio dia em ponto, quando o sol brilhava mais que todos os outros dias, a multidão aglomerava-se em frente ao patíbulo. Sobre o mesmo, coberto com um pano negro num tablado, estava o assustador artefato. O povo dividido: uns achavam que o rei deveria perdoar, que o mesmo não era normal; outros, a maioria, ansiosos para ver sangue derramar; os familiares chorando e rogando por misericórdia, pois era um cidadão honesto e trabalhador. O infeliz despediu-se dos filhos e esposa, despediu-se da vida, chorou uma última lágrima e contemplou num adeus eterno o sol. O velho sacerdote encomendou a alma do condenado não se sabe para onde. Comentou-se que o carrasco havia se exercitado antes com vários repolhos na guilhotina, para que na hora h não houvesse falha. A cabeça de Nabal havia sido tosada para que os cabelos do pescoço não criassem embaraços ao cortante fio do cutelo. O verdugo, com o rosto coberto com uma carapaça, estendeu o desgraçado amarrado numa prancha e soltou a alavanca que suspendia a lâmina. O aço, com traçado diagonal, despencou-se sobre a vítima com a rapidez do bote de um tigre. Consumado! No cesto, a cabeça saltou e parou. A multidão exclamou uníssona, fascinada pelo espetáculo e pelo horror: “Vida longa ao grande rei”. - No último fôlego de vida, Nabal ainda pode murmurar:
A minha língua também me matou!

---

## Sobre o Autor e sua Obra

### GILSON MARTINS

Nasceu em Minas Gerais a 15.07.1961. Gosta de escrever contos infanto-juvenis. Trabalhou 20 anos como Serralheiro.
No dia 29.11.1999 foi acometido de um grave acidente de trabalho. Por muito pouco não teve o braço esquerdo dilacerado por uma lixadeira. Impossibilitado para o trabalho, passa o tempo escrevendo. Na tragédia abriu-se uma porta de sonhos e imaginação sem fim. Sempre residiu em Belo Horizonte.

Para corresponder com GILSON MARTINS, escreva:
gcb1@ig.com.br